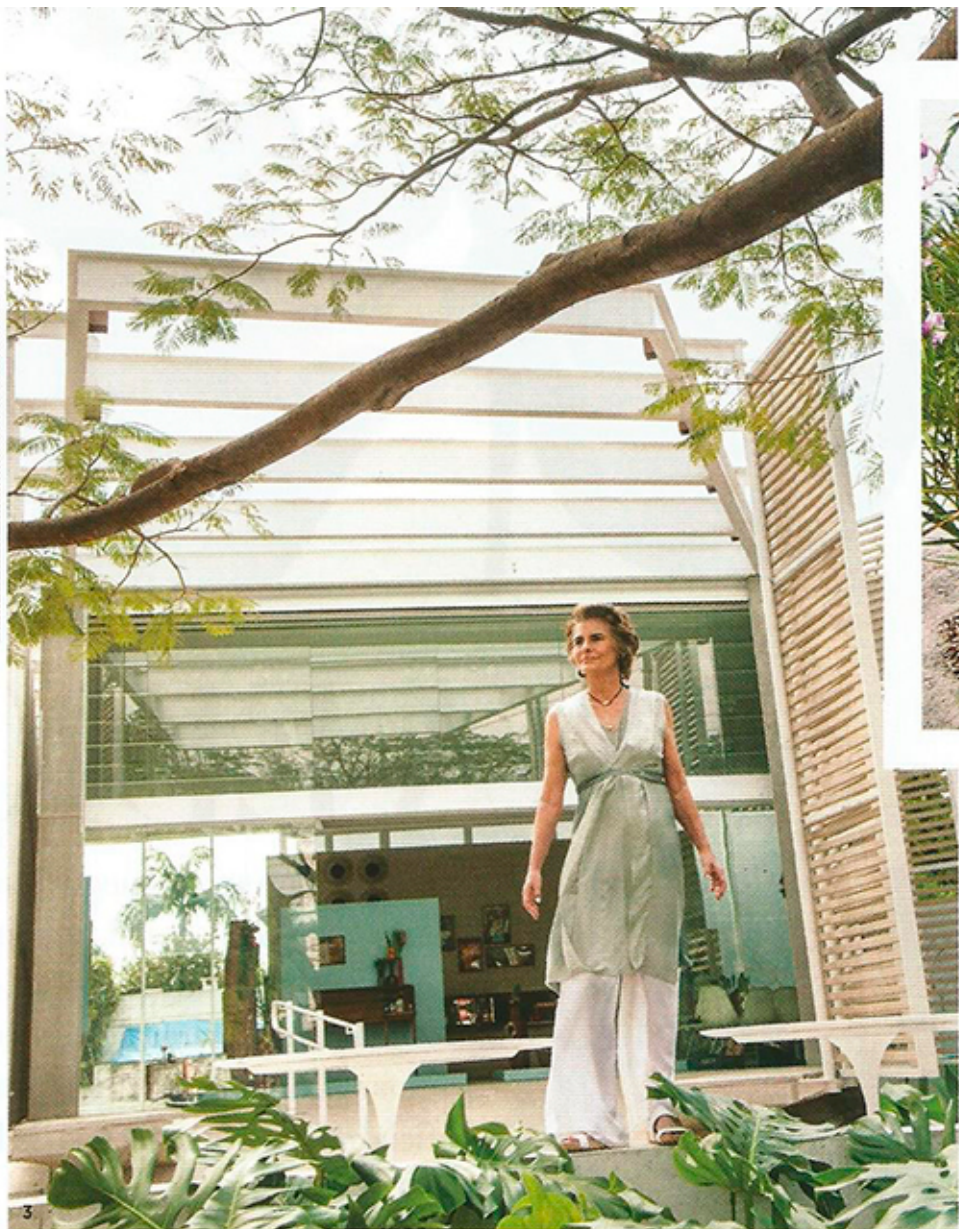
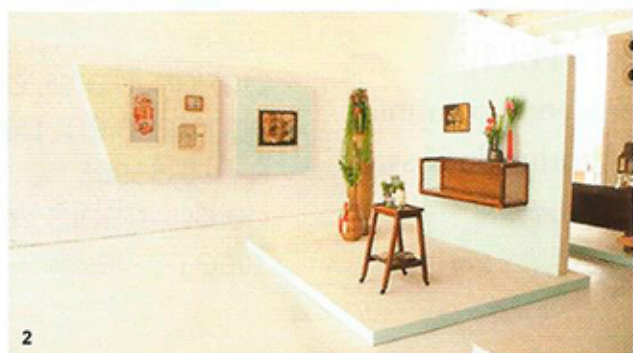


SNAPSHOT



MUSA TUPINIQUIM

Renata Mellão cresceu entre os mais diversos mundos. Mulher de berço nobre e alma hippie, criou o A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, ode à cultura de seu País por Cesar Giobbi | fotos Romulo Fialdini

Filha de Renata e Sergio Mellão, casal ícone da sociedade paulistana das décadas de 1950 a 1980, Renata Mellão herdou da mãe não apenas o mesmo nome, mas uma série de comparações com a mulher que reinava nos salões de sua época. Renata (a mãe) era uma deusa de opiniões e padrões à sua imagem. Renata (a filha) era dona de uma beleza desencanada, com valores antagônicos aos de seus pais. “Minha adolescência foi solitária. Lia e tocava piano. A faculdade foi uma liber-

tação.” Durante a faculdade de Economia e Ciências Sociais, na USP, se sentia observada com o desdém reservado às patricinhas. Para piorar, era sobrinha do então governador do Estado, Roberto Sodrê. Mas havia temporadas no apartamento de Paris e as festas que a mãe organizava na mansão da Rua Venezuela. Por força das circunstâncias, teve de aprender a fazer o *knicks*, cumprimento inglês que se faz aos nobres, quando a rainha Elizabeth, da Inglaterra, e o príncipe Phillip, em viagem ao Brasil, foram hóspedes de sua fazenda no interior de São Paulo. O casal Mellão foi recebido, em retribuição, para um chá em Buckingham.

Para casar, alguém fora dos padrões. Ricardo Alves de Lima tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, bonito, outra cabeça. O casamento durou mais de uma década. Depois, uma relação de 15 anos com Eduardo Longo. Finalmente, rendeu-se à sua personalidade avessa a amarras. “Liberdade não tem preço.”

Escolheu também a liberdade de trabalhar com o que acredita. Há 18 anos criou o A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, dedicado a mostrar criações da cabeça do povo brasileiro. Renata acaba de abrir as novas instalações de seu museu, em Pinhei-



TÚNEL DO TEMPO 1. Renata Mellão nos anos 1980; 2. Detalhe do museu A Casa; 3. Renata em frente ao museu; 4. Em Corumbau; 5. Com crianças no hotel Vila Naiá; 6. Em passeio de barco na Bahia; 7. Os pais de Renata, Sergio e Renata Mellão; 8. Renata, com sua avó, no casamento com Ricardo Alves de Lima; 9. Filha, mãe e a irmã Maria Eudóxia Mellão

ros. Visitei o museu com ela, no fim das obras, ainda sem o jardim criado por Isabel Duprat. A galeria é ampla, apta a exposições de qualquer gênero. O andar de baixo, reservado a eventos de porte médio. É com o aluguel desse espaço que ela pretende sustentar o andar de cima, com arquitetura de Luiz Fernando Rocco. Reuniões, cursos e palestras serão realizados na casa ao lado, onde funcionou o cerne da Casa nos últimos anos. A mostra de abertura é uma instalação de f. marquespenteado, o Fernando Marques. Artista da galeria Mendes Wood, ele agora mostra, sob o título *Sentido Figurado*, sua especialidade: os bordados, em séries de objetos e obras que reinventam o plástico e repensam o ambiente doméstico. Nestes 18 anos de A Casa, desde a residência da Rua Irlandino Sandoval – que o arquiteto Eduardo Longo havia desenhado para ela morar, mas onde nunca morou – até o atual endereço, foram quase 50 exposições. Nos anos daquela casa, o sucesso de público foi tanto que os vizinhos reclamaram e a Prefeitura a fechou. Outros endereços se seguiram até o atual.

A outra parte da vida de Renata está em Corumbau, no sul da Bahia. O nome quer dizer “longe de tudo”. Acho que foi isso que a convenceu a comprar a área em 1981, onde mantém, há dez anos, o hotel cinco estrelas Vila Naiá. A ida até lá era complicada, com a travessia de rios. Hoje, ela tem heliponto. Corumbau é seu paraíso particular. Mas não viveria longe de São Paulo, de seu museu, de seu trabalho. E, além do mais, há os três filhos – dois rapazes formados nos Estados Unidos, que hoje cuidam

dos negócios da família, e a filha, jornalista e dramaturga.

Renata sempre primou pela desconexão com o mundo das aparências. Não usa joias, só enfeites feitos de artesanato. Tem um colar de pérolas, que o pai deu, e uns brincos que usa em grandes ocasiões. *C'est fini*. O carro não tem nada de excepcional. E nunca teve. Blindado? Pra quê? A beleza morena, que lhe veio da mãe, ela deixou para o tempo cuidar. Não sente necessidade de se entregar às mágicas cirúrgicas. Só o cabelo ela não quer que branqueie. Quer mantê-lo grisalho. As roupas, discretas e bem cortadas, obviamente não deixam nenhuma grife aparente. Em tudo o que faz, Renata Mellão tem a preocupação de unir o tradicional ao contemporâneo. Tem sido bem sucedida. Na vida pessoal e profissional, claro. Está realizada. :: acasa.org.br

PRODUÇÃO: CALVIN KLEIN; ESTILO: ANA MARIANI, SANDÁLIAS: R\$ 435, MICHAEL KORS; REVISÃO: REVIS; RETRATOS DE ÉPOCA: ARQUIVO PESSOAL